

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas Organizações**. São Paulo: Editora Atlas, 1997.

WEBSTER, N. Understanding the evolving diversities and originalities. In: Rural social movements in the globalization. Civil Society and Social Movements Program. Paper n.7, feb. **United Nations Research Institute for Social Developmente**, 2004.

WHITAKER, D.C.A. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

PROJETO EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESTRATÉGIAS E ALTERNATIVAS NO CAMPO PEDAGÓGICO

*Lee Yun Feng¹
Vera Lúcia S. Botta Ferrante²*

Resumo: O presente estudo discute as propostas e estratégias do Programa Escola do Campo aplicado na EMEF Hermínio Pagotto, as suas práticas educativas e seus efeitos sociais. Abordando o projeto pedagógico implementado nessa instituição e as vertentes políticas que a norteiam (Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Nacionais, Referências Para uma Política Nacional de Educação do Campo) surgem diversas questões. As estratégias de ensino impactam positivamente a comunidade assistida? Este processo educacional ajuda a amenizar o quadro de problemas da educação rural? Este modelo difere das outras propostas educativas em quais pontos? Tais questões são abordadas através do processo de constituição deste trabalho que acompanha a realidade escolar da educação rural na escola Hermínio Pagotto no assentamento rural Bela Vista em Araraquara, interior de São Paulo.

Palavras-Chave: Escola do Campo, Educação Rural, Práticas Educativas, Inovação Pedagógica.

Introdução

Baseada em minha dissertação de mestrado³ este trabalho discute o Programa Escola do Campo implantado dentro do Assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara.

¹ Graduado em Pedagogia pela UNESP de Araraquara e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA.

² Coordenadora do PPG em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Uniara e coordenadora do Nupedor.

³ FENG, Lee Yun. Projeto Educação do campo: Estratégias e alternativas no campo pedagógico. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente), UNIARA, Araraquara.

Criado no ano de 2001 pela Prefeitura Municipal de Araraquara, o programa funciona em três escolas da zona rural desde janeiro de 2002, atuando com uma proposta pedagógica de ensino no campo que pretende motivar o aluno, a fim de evitar problemas como abandono, altos índices de repetência e choques culturais.

Devido à extensão e dificuldade do acesso às escolas envolvidas no programa, a EMEF Hermínio Pagotto localizada dentro do assentamento Bela Vista do Chibarro foi escolhida como área de pesquisa.

A Educação do Campo no qual o projeto está embasado é uma proposta educativa importante que segue diversos princípios que abrangem não só a formação de sujeitos através de projetos de emancipação humana, como também a valorização dos diversos saberes no processo educativo, o respeito perante os espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem, podendo ser considerada uma estratégia possível de desenvolvimento sustentável. Põe-se, portanto, como uma perspectiva de transformação da educação tradicional, a qual se pauta, segundo Whitaker (1992) por vieses urbanocêntricos, voltados para os conteúdos que informam e são informados no processo de urbanização; sócio-cêntricos, voltados para os interesses de certas classes sociais; etnocêntricos, por privilegiar a cultura relativa ao mundo ocidental, a chamada racionalidade do capitalismo, fortemente atrelada ao avanço científico e tecnológico.

O trabalho de campo foi constituído por vinte visitas registradas em diário de campo à escola Hermínio Pagotto e cinco à comunidade no período de março a setembro de 2005 e março a junho de 2006. As visitas permitiram um levantamento de dados através do acesso a documentos da escola, interação e contato com a comunidade e os atores envolvidos com a instituição escolar, realização de entrevistas, acompanhamento de aulas, atividades e eventos, coleta de impressões e aplicação de questionários.

Na escola pesquisada, houve a possibilidade de acesso a documentos pertinentes à pesquisa. Estes foram: a proposta pedagógica da escola, o plano de ensino dos docentes, um documento referente às atividades da coordenadora pedagógica da escola, os diários de classe dos professores acompanhados pela pesquisa com os projetos individuais de cada professor.

A escola Hermínio Pagotto está localizada no centro da agrovila do Assentamento Bela Vista do Chibarro e foi construída na antiga Usina Tamoio. Antes denominada Comendador Pedro Morganti, ela oferecia o ensino de 1ª à 4ª série e para continuar com os estudos em séries mais avançadas, a população atendida tinha que percorrer uma distância superior a 20km, partindo desta área rural até uma instituição escolar mais próxima que tivesse vaga para um nível escolar superior ao oferecido na escola do assentamento.

Documentos da Secretaria da Educação confirmam que a escola se

manteve inativa durante o processo de constituição do assentamento nas terras da Bela Vista entre os anos de 1988 até 1990. Através da demanda da comunidade, a escola foi reaberta atendendo alunos de 1ª à 4ª série. Em meados de 1997, o governo do Estado tentou “bisseriar” as quatro séries vigentes, formando duas turmas, uma para atender aos alunos da 1ª e 2ª séries, outra para a 3ª e 4ª séries, alegando que o número de alunos por classe era muito pequeno. Com uma forte reação negativa da comunidade sobre essa medida, não houve implantação de classes “bisseriadas”.

Em conjunto com a administração municipal de 2001 que foi reeleita em 2004, a direção da escola e a comunidade do assentamento promoveram a ampliação do ensino fundamental, para que a escola passasse a oferecer também de 5ª à 8ª série, pois, até então, as crianças tinham que frequentar estas respectivas séries nas escolas da cidade.

A escola conta com a liderança da atual Diretora Adriana Morales Caravieri, uma pessoa chave que possibilitou diversas mudanças e melhorias a qual inicialmente entrou na escola para lecionar em 1997. Ela promoveu junto com a comunidade as restaurações da pintura, manutenção dos espaços escolares com a poda e limpeza do terreno, pois era de grande importância manter a escola em condições aprazíveis e menos hostis esteticamente.

Além da reforma nas instalações, a adoção de práticas de sociabilização diferenciadas foram instauradas no cotidiano escolar fazendo com que os alunos antes de iniciar suas atividades cantem, se abracem e rezem. Esse tipo de “mística”, ou ritual é feito todos os dias nos dois períodos de aula. De manhã, os alunos fazem a leitura de livros com músicas, muitas delas retratando a vida do campo. No período da tarde os professores puxam cantigas de roda que a maioria das crianças conhece, músicas para elas tradicionais, como “Boa tarde começa com alegria, boa tarde começa com amor... O Sol a brilhar, os pássaros a cantar, boa tarde, boa tarde...” (e todos os alunos se cumprimentam), ou “Boa tarde, como vai você, meu amigo, como é bom te ver, palma, palma, mão na mão, agora um abraço de coração” (e todos se abraçam). Quando recebem algum visitante, todos se juntam para cantar a música de acolhida da escola: “Seja bem vindo olê, lê... Seja bem vindo olá, lá... Paz e Bem pra você, que veio nos visitar...”.



Foto 1 – A entrada da escola

Essa recepção com as boas vindas “Paz e Bem”, reproduz o vínculo religioso com a ordem franciscana, da qual a diretora faz parte. Quando entramos na escola, vemos esse escrito no chão feito com pedras, plantas e flores. Para a diretora, essa prática diária é essencial para que as pessoas se confraternizem e se envolvam nessa atmosfera “mística” que, como um “conta gotas”, vai depositando sentimentos de afetividade entre as pessoas. Para Caldart, a “mística” é um momento de cultivo de uma “simbólica libertação que ao mesmo tempo anima os participantes” (1996, p. 54).

O espaço escolar e seus atores

Na escola analisada, os professores afirmam de modo geral, que se sentem mais seguros para implementar as inovações requeridas pelo Programa Escola do Campo porque têm um bom desenvolvimento e acompanhamento nas HTPC (Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo). De modo geral, afirmam que o planejamento exigido pelo programa é mais ambicioso em relação às suas metas e justificam, de um lado, a necessidade de respaldo para efetuar determinados procedimentos e atividades fora da sala de aula, sob alegação dos recursos chegarem fora dos prazos para cumprir tarefas. Um exemplo claro disso foi o atraso da proposta educativa que desenvolveria o plantio e acompanhamento de algumas espécies vegetais comestíveis como o alface devido à falta de adubo para estas hortas.

As inovações e práticas pedagógicas requerem o estímulo da reflexão e da criatividade que permitam renovar os procedimentos de ensino e a postura

docente. Nesse sentido, os responsáveis pelas atividades docentes entendem que é necessário conhecer e compreender o contexto sócio-político dos alunos e dos pais, podendo, dessa forma, implementar relações inovadoras no processo de ensino e aprendizagem. Assim é necessário manter uma atenção constante sobre a sua prática e sobre o resultado do ensino.

É significativo observar que em relação às propostas de formação continuada, existe uma dificuldade de definição de pressupostos que contenham a amplitude e a coerência necessárias para enfrentar a complexa política de formação dos profissionais de ensino e, de modo geral, no âmbito das Secretarias Municipais de Educação, invariavelmente, ocorre uma série de atividades que constituem muito mais uma série de eventos consultivos ou de informações atualizadas sobre mudanças curriculares e temas variados, do que propriamente a configuração de um programa de formação continuada definido por demandas claras advindas das redes de escolas. Portanto a promoção de um ensino atualizado e de qualidade para as escolas urbanas ou rurais é deficiente, gerando um contexto no qual os professores se vêm indecisos e desorientados em referência às novas exigências que lhe foram impostas.

Contudo, a escola Hermínio Pagotto vem se constituindo em um local privilegiado para o desenvolvimento de uma proposta de Educação do Campo, o que tem levado a mesma a envolver-se no processo de reflexão e investigação de pesquisas importantes sobre educação promovidas por diversas instituições e grupos como UNESP, USP, NUPEDOR, UNICAMP, UNIARA e muitos outros.

Esta escola é um local com potencial de desenvolvimento de experiências profissionais que articuladas às teorias que discutem os problemas da área, suscitam a busca de saídas coletivas para problemas comuns.

Alguns problemas relacionados à forma, estrutura e conteúdo de determinados projetos mais complexos que exigem demandas e respaldos de profissionais são subsidiados com a visita de técnicos do ITESP e do INCRA que fornecem informações e ajudam a pôr em prática a atividade proposta. Nesse sentido, o professor consegue obter elementos capazes de lhe possibilitarem a revisão de certos pressupostos com os quais trabalha para desencadear a transposição da experiência teórica recém adquirida para a sala de aula.

Em relação às perspectivas de inovações pedagógicas nesse processo, de modo geral, os professores apontam a insegurança e a falta de subsídios como o principal sentimento que vem dificultando mudanças mais significativas nos procedimentos de ensino e de avaliação, pois não sabem se devem se desfazer de tudo aquilo que vêm aprendendo ao longo de sua carreira profissional. Um exemplo disso é a questão da proposta de “reflorestamento da mina” que

pretendia restaurar parte da vegetação que existia ao redor da mina de água que abastece parte do assentamento. Esta proposta não pôde ser levada adiante com facilidade e ainda se encontra em processo de desenvolvimento, pois requer transporte escolar, autorização de órgãos ambientais que protegem a área impedindo um dano maior à localidade da mina, o respaldo de técnicos ambientais que possam definir quais são as espécies que podem ser implantadas ou replantadas na área e o fornecimento destas mudas.

A escola analisada se destaca na elaboração de projetos inovadores, pois apesar das dificuldades encontradas, há condições que possibilitam a transformação do cotidiano escolar, como uma direção da escola envolvida com o corpo docente e discente e comprometida com a comunidade, atores que vêm consolidar, em sua trajetória, a defesa da melhoria desta escola e, de modo mais amplo, a história de lutas e reivindicações dos assentados.

Nas aulas, a criatividade aflora

Ao acompanhar duas aulas e fazer uma entrevista pude constatar um pouco do cotidiano escolar de uma classe com 17 alunos. Na primeira aula, a professora trabalhou a matéria de português com um pequeno texto sobre a lenda do girassol, trabalhando a alfabetização através das sílabas e constituição de palavras.

Foram trabalhadas as palavras: flor, lenda, livros, amor, girassol, estrelinha, sol, chuva, céu e semente. A professora as passou na lousa conforme contava a lenda do girassol, pediu para que fosse copiado no caderninho de classe com as sílabas separadas. Nesta aula os alunos conversavam muito, tinham a atenção desviada facilmente, contudo todos conseguiram concluir suas tarefas. Ao fim da aula em uma pequena entrevista, Odete relatou um pouco sobre suas práticas dentro da sala de aula:

“Aqui quando os pais querem ver eu apresento tudo. Eles tem um caderno de classe com as matérias, eles tem um caderno de redação, um do projeto jardim, e um dos complexos temáticos onde eu estagio com eficiência, com datas comemorativas. Dou tarefinha para eles, na verdade eu tenho dois, um com matéria assim às vezes eu peço uma redaçõzinha para eles para depois passar no caderno de redação já corrigida, e tenho também um caderno de caligrafia que eu acho que ajuda um pouco no treino da letra. Dou às vezes... um livro para leitura, o que eu faço muito é a leitura em voz alta, para cada um, um parágrafo pra que eles às vezes até nem terminam o parágrafo, eu

troco para que eles estejam atentos e também pra desinibir e pra saber como tá a leitura, pontuação... E... todos eles ficam assim muito contentes, eles querem ler, quer ser o primeiro, o outro também, sabe... e eu acho muito bom. A leitura em voz alta ajudou muito.”

Na segunda aula acompanhada, Odete levou as crianças até o “jardim” da escola e relembrou a lenda do girassol com os alunos, explicou sobre a atividade que iriam efetuar, que seria a plantação de sementes de girassol em copos para poderem acompanhar o crescimento da planta e pudessem assim plantá-la e embelezar a escola e o jardim. Durante essa aula ela trabalhou também com Matemática e algumas operações aritméticas simples, com a contagem das sementes, e o conceito de germinação das sementes.

Algumas aulas se aproveitam dos outros espaços além da sala de aula. Em uma das aulas acompanhadas, a professora lembrava a lenda do girassol com os alunos e explicava sobre a atividade que iriam efetuar, que seria a plantação de sementes de girassol em copos para poderem acompanhar o crescimento das plantas e embelezar a escola e o jardim. Durante essa aula, a professora trabalhou também com Matemática e algumas operações aritméticas simples, com a contagem das sementes e o conceito de sua germinação.



Foto 2 – Aula no jardim da escola com o plantio de mudas

Ao fim dessa aula em mais uma pequena entrevista ela relatou um pouco sobre o trabalho de campo:

“Nosso trabalho de campo é assim, eu fiz plantio de girassol, eu dei a lenda do girassol no caderninho de projeto jardim, as atividades eu aproveitei para dar um pouco de matemática trabalhando quantidade. Trabalhando... as vezes eu trabalho até canteiros, perímetros, essas coisas, nas 3ª e 4ª eu posso avançar mais, pra eles eu vou de acordo adaptando com a idade deles, e outra coisa que eu dei... ciências, aproveito para dar sementes, germinação, e nós fazemos isso plantando em copinhos, depois da data de germinação a gente transplanta. Terminando agora girassol, eu venho já com margaridas também, e vai assim, o trabalho de campo é assim, sem contar que a gente faz a desidratação das plantas, catalogação, entrevistas, aproveitam porque perguntamos aos pais visitando as casas da agrovila para saber os tipos de plantas que têm.” (Odete, 15/03/2006)

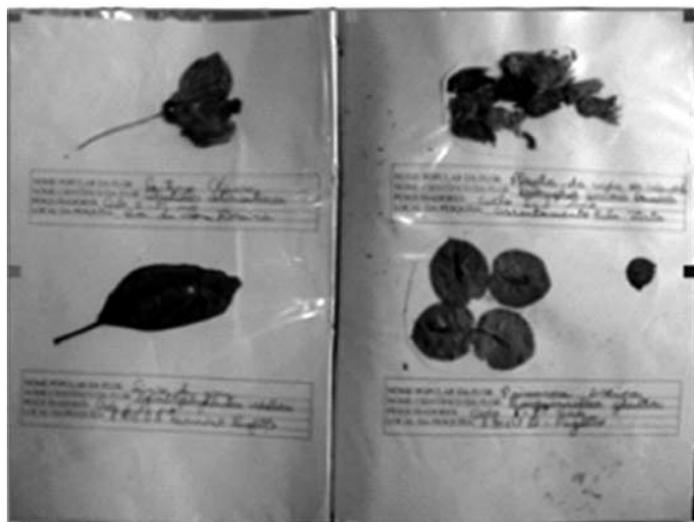


Foto 3 – Páginas do Herbário efetuado no projeto jardim

Arquivado em uma pasta, um dos trabalhos do projeto Jardim é a coleta e secamento de flores compondo um herbário. As flores são coletadas no espaço escolar, na agrovila e nos lotes de pais de alunos.

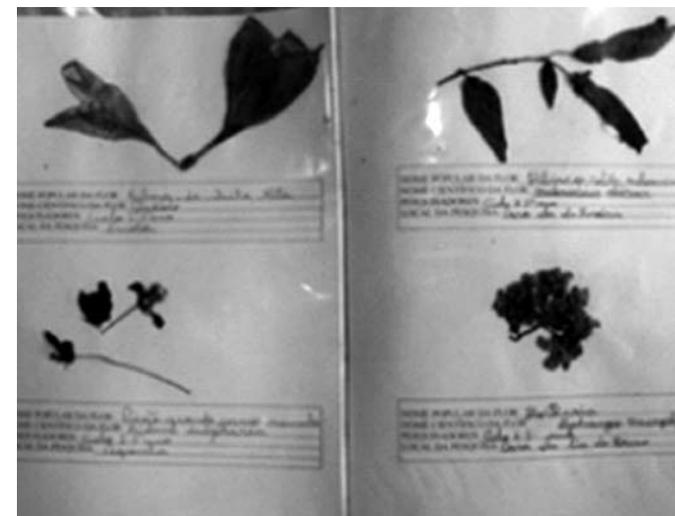


Foto 4 – Páginas do Herbário efetuado no projeto jardim

Odete relata um pouco das suas expectativas em relação à possibilidade de continuar lecionando na escola, ou sair por causa de uma demanda por oferta melhor:

“Na verdade eu acho que eu fiquei porque eu gosto, se eu não tivesse gostado eu teria ido para a cidade mesmo que fosse para uma classe, porque aqui eu só... é bom escolher né? Já sou efetiva na prefeitura e.. não pensei em sair daqui não. Eu gosto daqui e também não pensei em saber da periferia... que ir para a periferia eu vou levar um bom tempo para ir, que a única coisa que pega aqui é a distância e eu já me habituei.”

Isso demonstra o envolvimento do educador com a escola, o que é necessário para promover um ensino de qualidade.

No acompanhamento de algumas aulas do professor de Matemática, Marcos, se evidenciou um caráter bem prático na utilização de instrumentos simples no circuito dos espaços escolares. No seu cotidiano letivo ele quase sempre utiliza recursos que transportam a questão abstrata das Ciências Exatas

para uma situação mais palpável através de jogos, brincadeiras e canções.

No desenvolver de uma delas que envolvia a questão das proporções, ele levou os alunos a uma plantação de mandioca localizada no lote de um dos assentados vizinhos à escola, na qual colheu, descascou, lavou, tratou e embalou o subproduto do trabalho com a raiz da mandioca.

Nesse processo, a mandioca foi pesada com casca e descascada para verificar qual a fração do peso que corresponde à casca. Depois de batida, coada e prensada, a mandioca virou pó e os alunos calcularam quantos quilos de raiz são necessários para produzir 1 quilo de farinha. Na hora da embalagem, as crianças viram quantos sacos foram usados para acomodar a produção. Por fim, o melhor momento, o prazer de avaliar o preço da farinha e ver quanto se pode ganhar com aquela quantidade de mandioca e com o trabalho para transformá-la.

Essa aula prática de Matemática propiciou aos alunos uma prática concreta da aplicabilidade dos conceitos abstratos de proporções e não somente isso, pois puderam aprender mais uma forma de produção ligada diretamente à terra e ao seu cotidiano. Muitas outras aulas similares foram efetuadas como a produção de sucos abordando as diferenças de unidades de valor, plantio e colheita de hortaliças e plantas medicinais discutindo-se a questão do tempo de crescimento vegetal, tipos de adubação, dentre outras questões vinculadas aos assuntos de sala de aula.

Contudo, nem todas as inovações exigidas pelo Projeto Pedagógico conseguem ser trabalhadas de forma frutífera, pois apesar do planejamento que os professores estruturam sobre os conteúdos e as metodologias a serem empregadas nas “atividades de campo” –denominação dada às aulas promovidas fora da sala de aula – existem fatores que muitas vezes frustram as expectativas do professores e alunos. Um exemplo disso é registrado no relato do professor de História, Francisco de Paiva Lima Neto:

“Já efetuei atividades em campo, mas não muitas, como a visita ao casarão. Foi uma visita ao casarão tentando resgatar aspectos históricos, artísticos e arquitetônicos, porém o resultado não foi o esperado. Foi mais como uma excursão do que uma visita histórica. É uma questão de experiência e viabilidade. Eu acho importante o trabalho de campo, mas no momento ainda não há condições reais para isso”

Muitas pessoas olham, as aulas desenvolvidas sob uma ótica produtivista, mas Francisco (LIMA, 2006) se posiciona contrariamente a esta tendência: “Se eliminarmos esse caráter “produtivista” a Escola do Campo vai aparecer

sob outra luz: muito mais como valorizadora da cultura do homem do campo, para fazer crescer sua auto-estima e torná-lo apto a lutar pela sua cidadania, quer no campo quer na cidade. Ou seja, ele se tornará capaz de optar sobre o que deseja ter”.

Pode-se evidenciar que existe o ensino que utiliza outros espaços além da sala de aula, o que quebra o paradigma urbanocêntrico da educação. Contudo, nenhum dos professores recebeu um curso para saber como utilizar os espaços e recursos existentes fora de sala de aula e isso pode comprometer a qualidade de ensino que apesar de se apresentar em boas condições, pode se deparar com algumas adversidades.

A entusiasmo acolhida dos alunos

Em 2004, no período da tarde (12:30 às 17:30) freqüentavam a escola apenas as crianças da pré-escola, de 4 e 5 anos e as crianças do ciclo I (6, 7 e 8 anos) e II (9, 10 e 11 anos). Deste último ciclo, apenas as turmas 1 (9 anos) e 2 (10 anos). No total, os alunos do Ensino Fundamental que estudavam neste período, cerca de 65 crianças, tinham a faixa etária entre 6 e 10 anos.

No início das aulas, os alunos cantam cantigas de roda, cirandas e outras músicas infantis, fazem gestos, contam piadas e adivinhações. Este também é um momento em que são dados alguns informes como reuniões de pais, do Conselho de Escola, condutas disciplinares, dentre outros.

Uma parte dessas crianças mora junto com as famílias nos lotes de produção, ou seja, distante da agrovila onde reside a maioria dos assentados. Essas famílias “do lote” não moram muito próximas umas das outras, havendo, portanto, um certo distanciamento entre uma família e outra. As crianças ajudam os pais em casa, ou na produção, como, por exemplo, nas atividades de aguar as plantas, tratar os animais, colher algum produto, ajudar na limpeza da casa, etc. Esse distanciamento entre uma família e outra, que ocorre também na agrovila, onde algumas crianças não se encontram com muita freqüência, faz com que a escola seja um ponto de encontro, no qual, até nos períodos de férias, as crianças e os jovens se encontram para brincar, conversar e se divertir.

A receptividade das crianças normalmente é calorosa. Quando eu desenvolvia as observações nas salas de aula era freqüente, principalmente as crianças menores (turma de 6 anos), me cercarem e me cobrirem de beijos e abraços. Cada sala tinha em média 15 alunos. Elas estavam sempre brincando, menos quando o professor pedia/exigia silêncio e atenção nas explicações. A hora do recreio também era só brincadeira, claro que depois de saborearem a merenda preparada pela Estela, que deixava as próprias crianças se servirem e pedia sempre: “põe só o que vão comer, não deixem comida no prato”.

As crianças aproveitam todos os espaços da escola para brincar: o parquinho, a quadra, o pequeno campo de futebol, os corredores, o pátio, etc. É pega-pega, esconde-esconde, pula corda, bolinha de gude, jogo de dama, tênis de mesa e várias outras brincadeiras. Nas entrevistas realizadas com as 9 crianças foi unânime: “O que você mais gosta de fazer fora da sala de aula?”, resposta geral: “Brincar!”.

Foi unânime também acharem a escola “bonita/linda!”. Algumas delas falaram muito bem dos funcionários: da merendeira, das duas funcionárias que cuidam da limpeza, do funcionário que cuida da parte externa, da secretária e da diretora. Um deles, o Davi, de 8 anos, se orgulha da escola por ela possuir vídeo cassete, computador, cozinha (experimental), brinquedos e muitas árvores. Outras duas, a Camila e a Carol, ambas com 6 anos, disseram nas entrevistas feitas individualmente, que adoram ir juntas na horta para “olhar as plantas”. Disseram que gostam de ir até os pés de fruta, para comê-las no pé. Brisa disse que gosta de comer fruta até se lambuzar toda. Camila também contou que gosta de “ver os passarinhos voando, os professores fazendo reunião, os meninos jogando bola na quadra, a Agnes (funcionária da limpeza) lavando o pátio”.

As normas de convivência construídas na escola também influenciam nas opiniões das crianças. Questionadas sobre o que elas não gostam na sala de aula e na escola, a maioria respondeu que não gostava de brigas entre os alunos. A Camila sabia que quando eles brigavam iam para a diretoria e tinham que pedir desculpas um para o outro. Ela também disse que não gostava quando alguma criança trazia doce para a escola, para comer sozinha. Ana Luiza, de 6 anos, também falou do respeito mútuo que se deve ter na escola.

Entre as atividades preferidas por todos os alunos entrevistados destacou-se a de “plantar”. Eles relataram, com entusiasmo, as atividades que fizeram na horta, com plantas medicinais e verduras, no embelezamento da escola através do plantio de flores e na mina d’água com o plantio de mudas de árvores. Os professores, no desenvolvimento dos projetos Estudo do Meio e Jardim, assim como nos dias de datas comemorativas, como da árvore, da água, da conservação do solo e do meio ambiente, desenvolveram atividades, como o plantio de diversas flores, como rosas, margaridas, girassóis, dentre outras; árvores frutíferas como cajá-manga, pitanga, seriguela, acerola e goiaba e outras árvores como flamboiã, ipê-roxo, ipê-amarelo e ipê-rosa. Essa diversidade de plantas não foi registrada no caderno de campo, foram as crianças que relataram nas entrevistas. Foram atividades que nos foram contadas com brilho nos olhos: a sementeira, o cultivo das mudas, o acompanhamento do crescimento das plantas, a regada diária, a coleta de mudas na casa do professor Marcelo, o convívio prazeroso com a boa sementeira.

Essas novas atividades desenvolvidas pelos professores, baseadas no projeto pedagógico da escola, principalmente no que se refere a algumas atividades lúdicas e outras, como esse cuidado com as plantas, envolvem o aluno e prendem a sua atenção. São momentos em que o professor deve procurar explorar essa atenção e reflexão para aprofundar os conteúdos necessários a cada turma, para que assim, a atividade não se perca com o conteúdo restrito do plantar, regar, semear, etc, sem um propósito ou um objetivo a ser alcançado.

A organização e o espaço das aulas: os frutos da boa sementeira

As inovações na área das práticas pedagógicas puderam ser constatadas no cotidiano da escola investigada.

Os professores da escola Hermínio Pagotto, além de promover o ensino formal das matérias de sua competência, têm que vinculá-lo às diretrizes do projeto pedagógico, abordando dessa forma, conteúdos relacionados às questões de meio ambiente, identidade, ética, trabalho, saúde e política.

Através de entrevistas e do acompanhamento das aulas pôde-se evidenciar diversas práticas educativas e a repercussão por elas geradas.

Os espaços mais utilizados são a cozinha experimental, o laboratório de ciências, o laboratório de informática, a sala de multimeios.



Foto 5 - Cozinha experimental



Foto 6 – Laboratório de Ciências

A cozinha experimental é um espaço utilizado não somente para o ensino dos alunos, mas também para ensinar a comunidade em geral através de diversos cursos de culinária.



Foto 7 - Laboratório de informática



Foto 8 - Sala de multimídias

Contudo, as aulas não se restringem apenas ao espaço escolar dentro das salas. Existe o espaço de plantio dentro da escola e as visitas à agrovila nas quais os alunos aprendem o conteúdo escolar de uma forma mais concreta.



Foto 9 – Espaço de plantio dentro da escola

No espaço de plantio, as crianças podem acompanhar todos os estágios do crescimento de diversas espécies vegetais, suas qualidades e utilidades, os cuidados necessários para que estas se desenvolvam plenamente até a época de produção. Para isso os professores escolhem plantas como salsinha, cebolinha, alface, dentre outras que têm um crescimento rápido e podem ser acompanhadas a curto prazo.



Foto 10 – Visita efetuada na agrovila para ver a criação de porcos

Igualmente o contato com criações leva as crianças ao convívio com práticas de comunidades rurais com raízes camponesas.

As matérias promovidas pelo projeto pedagógico precisam ampliar o conhecimento, identificar seus pontos frágeis e fortes a partir da experiência da prática docente, da absorção de seu conteúdo pelas crianças, de forma a serem apontados caminhos para o aprimoramento das práticas de ensino para a aproximação e troca de experiências entre os docentes.

As atividades fora das salas de aula são orientadas e acompanhadas em geral pela diretora e a maior parte delas são desenvolvidas durante o período da manhã e dependem de recursos que auxiliem a promoção das aulas, como o fornecimento de insumos para agricultura e transporte para as visitas nos lotes mais distantes.

O projeto pedagógico do Programa Escola do Campo demanda uma organização curricular que necessita de uma maior integração entre conteúdos, revisão de cargas horárias de disciplinas, coerência das temáticas oferecidas por ciclos e níveis de complexidade. Isso é discutido gradativamente nas freqüentes reuniões dos professores semanalmente. Só assim é que se possibilita a ampliação do leque de alternativas de aprendizagem, desenvolvimento do saber e a superação de diversos obstáculos e adversidades encontrados ao longo do caminho da promoção de uma educação diferenciada.

A escola Hermínio Pagotto possui grande importância social, pois cumpre diversos papéis na comunidade auxiliando na formação acadêmica, no desenvolvimento dos saberes e capacidades e principalmente, na formação social de práticas mutualistas e de solidariedade.



Foto 11: Horta medicinal com plantação de bálsamo, boldo do Chile, salgueiro, hortelã e novalgina

Na horta, existe o setor das plantas medicinais como o bálsamo, boldo do Chile, salgueiro, hortelã e a novalgina. Associando este cultivo as suas propriedades medicinais, custo agregado e facilidade de manutenção, as crianças criam diversos valores relativos à preservação e valorização das propriedades naturais que cada planta possui.

A escola portanto é um espaço social de desenvolvimento da personalidade de cada criança permitindo o aprendizado da sociabilidade, moral, ética e dos valores. Ainda mais é na escola que os assentados discutem problemas, dificuldades do presente, perspectivas do futuro. Constitui-se, portanto, em espaço comunitário por excelência.

Representações dos pais e da comunidade

Na comunidade, pais e moradores foram entrevistados aleatoriamente formando um grupo amostral composto por vinte indivíduos, dentre os quais se encontram quatorze pais/responsáveis e seis membros da comunidade. Estes foram submetidos a entrevistas semi-estruturadas com questões relacionadas à vida no assentamento e ao Programa Escola do Campo, explorando dessa forma as origens dos assentados, seu tempo de permanência na agrovila e seu conhecimento e impressões sobre a escola e seu projeto pedagógico.

Todos os entrevistados responderam que conheciam um pouco sobre a escola e o projeto escola do campo e em geral citaram as visitas à agrovila e à horta da escola, como no depoimento da senhora Ana Maria de 43 anos:

“... ah, é aquele projeto que as crianças vão pra os lotes aprender como é que os produtores cuidam de suas hortas e criação.... e tem também a horta que tem alface, cebolinha e alguns remédios como a novalgina...”

A respeito do ensino, a maioria achou satisfatório e que poderiam melhorar o atendimento e a qualidade. Nos depoimentos, a representação dos problemas aparece associada à contratação e permanência dos professores, como o depoimento de uma moradora do assentamento nos mostra:

“... apesar do salário ser o mesmo, o transporte ser gratuito, só de ver que a escola é bem longe já desanima. Além disso, existe a idéia de que os alunos aqui não querem aprender, pois são gente da roça. Tem também os professores que vem de lá da cidade e não voltam por causa da educação dos alunos. Aqui professor para aluno não é professor, é colega de classe. Isso não devia ser assim...”

A escola é o centro de encontros nos quais muitas pessoas vão ajudar. Diversos eventos promovidos pela prefeitura, INCRA, ITESP, MST, dentre outros, vêm sendo sediados na escola. Diversas comemorações também são estruturadas dentro da escola, como a festa junina e a celebração do mês do natal.



Foto 13 – Comemoração do mês de dezembro

A escola tem uma ótima localização, o que evita que os alunos percam muito tempo na ida à escola. As dificuldades dentro de toda escola existem, não apenas na área rural, como também na área urbana. Podemos ver a dificuldade de determinados alunos em acompanhar as aulas, mas ao longo do processo é evidente que um ensino por ciclos se apresentou efetivo como podemos constatar no depoimento a seguir:

“... eu acho que a escola daqui é boa porque as crianças não precisam ir longe, mas a escola não pega firme com as crianças, não ensina... o ensino é fraco... eu que não vou na escola sei mais do que o menino da oitava série. E o meu menino que está na quarta série agora é que parece estar indo melhor, mas antes ele não sabia nada, ele era muito lerdinho...”

Apesar das dificuldades, o projeto ainda possui uma boa receptividade pelos alunos mais desinteressados, pois chama a atenção e se torna uma atividade diferenciada e atrativa, possuindo uma infra-estrutura boa do qual muitos se orgulham:

“... os meninos que não gostam muito da escola, mas eles sempre gostam de ficar na hortinha, isso é melhor do que ficar andando na rua... eles adoravam quando a professora levava eles pra passear a pé nos lotes, assim eles sempre voltavam pedindo por mais aulas assim...”

“... a escola é boa, tem de tudo e não perde para as escolas da cidade porque tem comida, tem sala de computador, tem a APM (associação de pais e mestres) que acompanham tudo direitinho, quadra de esportes e... muitas outras coisas... mas o que falta aqui é o primeiro, segundo e terceiro colegial... pois as crianças que terminam a oitava aqui têm que sair pra estudar fora ou parar com os estudos...”

Aos olhos da comunidade, a escola Hermínio Pagotto é uma boa escola com recursos materiais satisfatórios, uma boa proposta pedagógica que atrai as crianças, mas que carece de um pouco mais de severidade e cobrança. Mas é necessário levar em consideração que a taxa de evasão escolar se apresentou nula depois que a proposta de ensino norteadada pelo Programa Escola do campo entrou em cena.

Esta escola se apresenta aberta para a comunidade. É limpa e organizada, possui salas arejadas, amplas e decoradas para melhor estimulação com recursos pedagógicos variados e organizados, tais como brinquedos, jogos, ambientes de estimulação, atividades extra-curriculares. A cozinha e o refeitório são limpos diariamente e os planos pedagógicos são organizados de forma coerente com as idades das crianças. Possui um bom atendimento e comunicação com os pais, apesar dos mesmos se referirem com críticas tímidas ao pouco incentivo recebido pelos professores.

Representações das crianças

Para colher a representação referente ao Programa escola do Campo, foram utilizadas entrevistas com questões abertas e fechadas, possibilitando uma maior liberdade e fidedignidade nas respostas.

Foram entrevistados no total trinta e cinco alunos dos ciclos II e III. Através das entrevistas se pode constatar que todos os alunos estavam cientes do projeto Escola do Campo e que este servia para tornar as aulas mais atrativas e mais interessantes como podemos evidenciar no seguinte depoimento de Rafael:

“... o projeto Escola do Campo faz as aulas ficarem mais divertidas porque podemos passear e aprender nos lotes, nas hortas e pensar nisso tudo na sala de aula... tem muita gente que não quer estudar, mas eu quero, pois esta escola é melhor que lá na cidade.... lá não fica perto de casa e não tenho amigos também...”

Dos trinta e cinco alunos entrevistados, vinte e seis já estavam na escola há mais de dois anos e já participaram de diversas visitas e atividades fora da sala de aula, principalmente nas aulas de ciências.

A maioria sabe das atividades práticas do projeto pedagógico, mas desconhece a sua estrutura e constituição. Em grande parte, os alunos gostam de viver no assentamento, pretendem continuar morando no assentamento e ter um emprego que não esteja ligado à agropecuária e plantio de verduras e hortaliças.

As aulas mais atrativas são as de Educação Física e Ciências, sempre citadas com muito entusiasmo e associadas aos campeonatos de futebol e às visitas na agrovila.

Dos alunos entrevistados todos gostariam de continuar estudando na escola, pois a consideram tão boa quanto as da rede pública da cidade. Contudo, foi dito pelos alunos mais velhos, que como o ensino público é mais fraco e atrasado, eles pretendiam estudar em cursinho particular para poderem entrar em uma faculdade. Como se vê, as representações são permeadas por imagens veiculadas pelos meios de comunicação de massas, muitas delas falseadoras da realidade.

Uma grande parte dos alunos afirmou que a vida no campo tem suas vantagens, pois o índice de violência é muito baixo, as amizades são mais duradouras e todos se conhecem. Contudo, reclamaram da falta de mercados, shoppings e pontos de lazer.

Sobre as melhorias e tomadas de decisões para melhorar as condições

do assentamento, todos os alunos pediram uma melhor pavimentação das ruas de terra batida e pedregulho e construção de áreas de lazer.

Foram utilizadas técnicas de coleta de impressão através da coleta de desenhos feitos por oito crianças da escola do assentamento⁴.

Ao desenhar um determinado tema ou objeto, a criança inspira-se não no modelo objetivo que tem diante dos olhos e sim na imagem que tem em seu espírito no momento em que desenha, ou seja, no modelo interno. Assim, o desenho é uma forma de representação que pode revelar o conteúdo da imagem mental da criança, podendo-se perceber se o objeto a ser representado necessita ou não estar presente para que a representação ocorra ou se o desenho é apenas uma tentativa de imitação.

Pesquisadores como Fiamengue e Whitaker (2000) desenvolveram um trabalho no qual procuram perceber como crianças, filhas de trabalhadores rurais assentados no núcleo IV da Fazenda Monte Alegre da região de Araraquara em São Paulo representavam o processo de reconstrução cultural vivenciado pelos seus pais do assentamento rural. Para desenvolver a sua pesquisa houve a utilização de desenhos com temas variados como a cidade, o assentamento, a fome e temas livres. O resultado se mostrou promissor quanto à representação associada ao meio ambiente com desenhos cheio de detalhes, cores e significados.

Sodré (2005) efetuou um trabalho no qual objetivava descrever as indicações de crianças de um acampamento do MST para o desenvolvimento de um espaço de educação infantil em fase de planejamento. Para obter os apontamentos das crianças, se utilizou também o método de coleta de dados através da interpretação de desenhos desenvolvidos sob uma temática.

Portanto através da análise de diversos trabalhos, a escolha por essa forma de abordagem se mostrou a mais eficaz para subsidiar o estudo de representações.

⁴ A metodologia científica que utiliza o desenho infantil se iniciou no final do século XIX dentro da Psicologia Experimental. Os estudos sobre o desenho infantil se diversificaram e contribuíram com várias disciplinas, como a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia e a Estética. O desenho passou a ser distinguido pelas diferentes etapas do desenvolvimento gráfico da criança e, em seguida, foi introduzido no tratamento psicanalítico. Paralelo a esses trabalhos surgiu o interesse pelo “sentido estético” do desenho infantil, comparando suas representações às de grandes mestres da arte. No que se refere à Sociologia, os desenhos infantis foram utilizados para a comparação entre diversos países, procurando elementos que possivelmente diferenciavam as representações gráficas influenciadas pela cultura (MÈREDIEU, 2000, p. 2-3). No século XX, as pesquisas sobre o desenho infantil contribuíram consideravelmente para a Psicologia Infantil e, atualmente, esta técnica continua sendo freqüentemente utilizada em estudos nas áreas da Educação e da Psicologia.

Os oito desenhos foram elaborados por crianças de nove e dez anos que moravam há pelo menos três anos no assentamento e freqüentavam a escola Hermínio Pagotto. Os desenhos foram feitos baseados na proposta de desenharem a cidade e o assentamento, o que cada lugar tem e o outro não tem.

Isso possibilitou evidenciar que todas as crianças tinham uma concepção firme sobre os elementos que estruturam a cidade, tanto que a maior parte dos desenhos ficou parecida uma com a outra, com prédios, carros, postos de gasolinas, supermercados, bancas e lojas. Alguns destes elementos podem ser facilmente notados no desenho da Beatriz (Figura1).

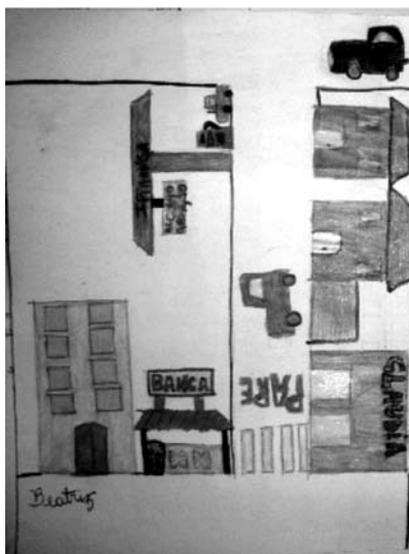


Figura 1 – Desenho de Beatriz

No caso dos desenhos que representam o assentamento, a maioria das crianças colocaram diversos aspectos pertinentes ao assentamento, como a escola, o posto de saúde, o casarão, a igreja e o bar. Isso demonstra que esses elementos são importantes dentro da comunidade, fazendo parte do cotidiano e da vivência das crianças.

Nesta parte dos desenhos nota-se a ausência de automóveis, prédios, semáforos e outros elementos que eles definiram como sendo “coisas da cidade”. Contudo, nas discussões efetuadas após os desenhos, foram discutidas

a possibilidade de entrada dos elementos da cidade para o campo e vice-versa. O desenrolar da discussão demonstrou que as crianças aceitavam facilmente a possibilidade de entrada dos elementos da cidade no assentamento, mas o contrário era muito difícil. Pode-se confirmar isso com o depoimento de dois dos alunos entrevistados:

“... ah, mas carro, asfalto, lojas é fácil colocar aqui no assentamento. Só precisa de dinheiro para isso. Seria muito bom se tivesse tudo isso aqui porque não precisaríamos ir até a cidade para comprar muitas coisas”

“... não dá pra colocar uma horta na cidade por falta de espaço, não tem terra pra plantar”



Figura 2 – Desenho de Ana

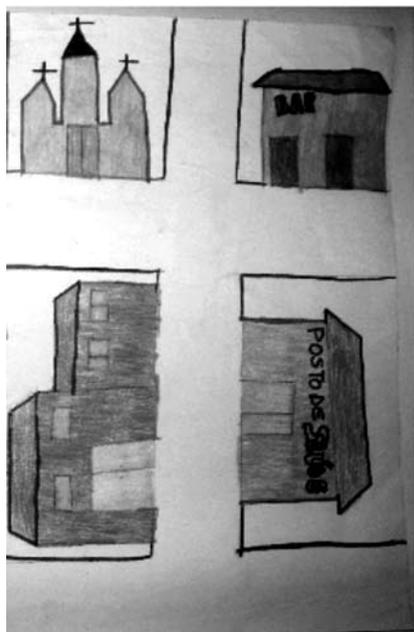


Figura 3 – Desenho de Denis

Nas discussões as crianças explicaram que os desenhos foram feitos de acordo com o vivido no assentamento e que estes foram efetuadas também com ajuda da lembrança das visitas e discussões promovidas pela escola.

Ao vincular esses depoimentos e impressões com a estrutura da proposta pedagógica do Programa Escola do Campo, constata-se que há uma efetividade da proposta de desenvolvimento da identidade a partir do universo da criança, promovendo a capacidade de identificar o lugar e valorizar a si, ao seu meio social e à cultura do lugar onde se vive, bem como de reconhecer a diversidade de outros meios sociais e culturais.

Considerações finais

Através das diferentes estratégias de pesquisa, foi possível conhecer melhor a forma como os eixos temáticos e atividades práticas do Programa Escola do Campo foram construídos e implementados e qual a reação provocada na comunidade por ela atingida.

Como pode-se concluir, a comunidade conhece o Programa Escola do Campo e apóia a melhoria das condições não somente da escola, como também da infra-estrutura local. A promoção de uma educação de qualidade é sempre ressaltada para que as crianças possam trilhar um caminho melhor.

Além de conhecer, repensa-se o papel da escola na agregação ou aglutinação do assentamento. Nas discussões sobre os rumos a serem tomados e na intermediação com os poderes a escola tem um papel fundamental. Espaço de solidariedade, de compartilhar conquistas que se dão no interior do assentamento.

Foi verificada a pertinência e importância dessa educação diferenciada dentro da comunidade assentada, pois com ela a taxa de evasão escolar diminuiu, além de se integrar com a comunidade não apenas como uma instituição de ensino, mas também como um ponto de desenvolvimento social integrado.

A influência que a escola do campo propiciou sobre a população atendida e seus familiares foi considerada como o resultado de uma luta na qual houve diversas conquistas e melhorias. Contudo, os moradores da agrovila sempre visam melhorias para a qualidade de vida local.

Grandes falhas apontadas na trajetória educacional e societária da educação rural foram amenizadas e até suprimidas através do processo do programa Escola do Campo. Os recursos que em geral eram escassos começaram a melhorar com a atual gestão municipal e o acompanhamento das lideranças da agrovila.

A Educação do Campo se mostrou importante para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas e mudanças na percepção e no hábito dos professores e seus alunos, promovendo uma consciência melhor sobre a importância da vida no campo.

Esta proposta educacional ainda trabalha para contrariar a visão urbanocêntrica (WHITAKER, 1992) da educação tradicional através de um movimento de emancipação cultural que pode gerar a superação de diversos estigmas pré-concebidos sobre a vida no campo. O processo educacional promovido na escola Hermínio Pagotto abrange basicamente questões pertinentes à realidade rural da população que usufrui de seus serviços. Assim sempre se procura possibilitar o desenvolvimento de perspectivas futuras e a manutenção de uma identidade pessoal.

No desenvolvimento deste trabalho, pude compreender que a educação rural e o processo de seu desenvolvimento no contexto brasileiro, não deve se restringir a um ensino técnico como muitos querem promover. Existe a necessidade de uma educação que promova o desenvolvimento dos saberes, de forma a permitir que o aluno tome suas próprias decisões sobre a sua profissão futura, sem perder a sua identidade, cultura e história de vida.

Para promover uma educação popular do campo que possibilite superar a situação precária da educação existente atualmente no campo e do professorado da zona rural torna-se premissa a necessidade da formação de educadores para superar tal quadro e para garantir que os princípios da

educação sejam bem constituídos. Tanto que é necessário o desenvolvimento de cursos que promovam as competências necessárias para um ensino de qualidade que leve em conta as especificidades do campo.

Os profissionais da educação que atuam na Hermínio Pagotto necessitam de uma política que valorize o seu trabalho e promova o seu desenvolvimento. Atualmente não existe a contratação permanente da maioria dos docentes, isso é um obstáculo tanto para o projeto pedagógico, como para o ensino por ciclos que a escola utiliza, o que exige que os professores estejam familiarizados com o projeto quando chegam na escola. Deve ser ressaltado que nas pautas de negociação dos servidores municipais tem entrado a valorização salarial para os professores e funcionários envolvidos no Projeto Escola do Campo. No ano de 2007 foi atendida esta reivindicação para todos os agentes diretamente relacionados ao projeto, o que representou, sem dúvidas, o reconhecimento, pelo poder público, da importância da educação do campo constar da agenda educacional municipal.

Deve ser igualmente ressaltado que o PRONERA vem promovendo o desenvolvimento de universidades com cursos de formação de professoras(es) para os assentamentos da reforma agrária. Os cursos são marcados por alguns traços distintivos. A definição curricular tem como uma das preocupações centrais a adequação dos conteúdos às especificidades dos sujeitos, dos movimentos sociais, do contexto do campo e com as particularidades regionais, como mostra a avaliação realizada com os cursos do PRONERA.

Portanto existem aspectos positivos e inovadores que vêm sendo adotados na escola Hermínio Pagotto, dentre os quais deve-se enfatizar aulas que incorporam as propostas e as concepções teórico-metodológicas relativas à realidade local. Um dos destaques é a presença marcante da concepção de educação de Paulo Freire especialmente quanto à metodologia. A experiência de construção coletiva, de gestão compartilhada que perpassa o trabalho, nas diversas etapas e processos organizativos, desde o planejamento até a vivência na sala de aula e fora dela, com a participação ativa de professores e alunos reproduz alguns dos ideais propostos por Paulo Freire.

Tenta-se contemplar no currículo as particularidades sócio-culturais dos sujeitos envolvidos. Além disso, busca-se difundir uma visão do campo que na perspectiva dos movimentos sociais deve ser entendido como espaço de vida, de produção, de cultura e de lazer. A avaliação dos alunos é positiva quanto ao processo de ensino aprendizagem.

Ao encerrar este artigo, gostaria de explicitar que o universo escolar promovido pelo programa Escola do Campo gera um campo de trabalho com uma extraordinária riqueza, o que pode possibilitar diversos outros estudos que complementem e desenvolvam o entendimento sobre as qualidades e peculiaridades da Educação do Campo.

Referências

- ALMEIDA, M. **Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas**. Campinas: Alínea, 2004.
- ANDRADE, M.T. O movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e sua Proposta de Educação Popular. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, Nupedor/Unesp, n.7, ano V, p. 143-174, 1999.
- ANDRÉ, M.E.D.A. de. **Etnografia da prática escolar**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1995.
- BASTOS, V.A. de. **A luta pela terra e na terra: a organização da produção nos assentamentos de trabalhadores rurais de Araraquara-SP**. 2001. Monografia. (Bacharelado em Ciências Econômicas). Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- BASTOS, V.A. de. **Educação do campo e formação continuada dos(as) professores(as): as contribuições do projeto político-pedagógico**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- BERGAMASCO, S.M.P.P.; AUBRÉE, M.; FERRANTE, V.L.S.B. (Orgs.). **Dinâmicas familiar, produtiva e cultural nos assentamentos rurais de São Paulo**. Campinas: FEAGRI/UNICAMP ; Araraquara : UNIARA ; São Paulo : INCRA, 2003.
- BOF, A.; MORAIS, T.C.; SILVA, L.H. **A educação no meio rural do Brasil: revisão da literatura**. Brasília: INEP/SEIF-MEC, 2003.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANCALEONI, A.P. **Do rural ao urbano: o processo de adaptação de alunos moradores de um assentamento rural à escola urbana**. 2002. 219p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- BRASIL. MEC. **Referências para uma política nacional de educação do campo**. Caderno de Subsídios. Brasília. 2004.

BRIGANTE, J. (Org.). **Avaliação Ambiental do Rio Moji-Guaçu:** Resultados de uma pesquisa com abordagem ecossistêmica. São Carlos: Rima, 2002.

CALDART, R.S. **Educação em Movimento:** formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis: Vozes, 1997. 180p.

CALDART, R.S. A escola do campo em movimento. **Contexto e Educação**, Ijuí, v.15, p.43-75, 2000.

CALDART, R.S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DELAMONT, S.; HAMILTON, D. A pesquisa em sala de aula: uma crítica e uma nova abordagem. Tradução Maria Regina Campello Gomes. In: PATTO, M.H.S. (Org.) **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.403-425.

_____. Escola Itinerante em acampamentos do MST, **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, 2001.

FERRANTE, V.L.S.B. (Org.) **Retratos de assentamentos**, Araraquara, Nupedor/Uniará, n.9, 2004.

FIAMENGUE, E.C.; WHITAKER, D.C.A. Crianças em assentamentos de reforma agrária: um estudo de possibilidades de um novo modo de vida. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, Nupedor/Unesp, n.8, p.69-81, 2000.

FREITAS, A.L.M. de. Escola do campo: a proposta de Araraquara. In: GIL, J. (Org.) **Educação Municipal:** experiências de políticas democráticas. Ubatuba: Palavra, 2004, p. 145-155.

GOHN, M. da G. **Movimentos Sociais e Educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KOLLING, E.J.; NERY, I.; MOLINA, M.C. (Orgs.) **Por uma educação básica do campo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

KOLLING, E.J.; CERIOLI, P.R.; CALDART, R.S. (Orgs.) **Educação do Campo:** Identidade e Políticas Públicas. Brasília: NEAD, 2002.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar**. Campinas: Unicamp, 1993.

LEITE, S.C. **Escola Rural:** urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, F. de P.N.; WHITAKER, D.C.A.; BOCANEGRA, C.H. O processo de construção da educação do homem do campo no município de Araraquara: Avanços e possibilidades. In: Simpósio Reforma Agrária e Desenvolvimento: Desafios e Rumos da Política de Assentamentos Rurais, 2005, Uniará, Araraquara. **Anais...**, Araraquara, 2005.

MACHADO, V. **Estudantes em assentamentos:** um estudo de aspirações por educação. 2000. 198p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

MÈREDIEU, F. de. **O desenho infantil**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitri. 7ª ed. São Paulo: Eitora Cultrix, 2000.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 3.ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

MORAES, R. L. ; KUDE, V.M.M. . A importância da parceria entre a escola e a família no ensino fundamental. In: _____ **Encontro Internacional da Sociedade Brasileira de Educação Comparada – Construindo a identidade Latino-Americana**, Porto Alegre, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Princípios da Educação no MST. **Cadernos de Educação**, São Paulo, n.8, 1996.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **Escola itinerante em acampamentos do MST**. São Paulo: MST, 1998.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas. **Boletim da Educação**, São Paulo, n.8, 2001.

PASSADOR, C.S. **Um estudo do Projeto Escola do Campo.** Casa Familiar Rural (1990-2002) do Estado do Paraná: A Pedagogia de Alternância como Referencial de Permanência. 2003 Dissertação (Doutorado em Educação). Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Programa de Estudos Sobre a Educação Rural/do Campo do Brasil.** INEP/SEIF-MEC, WB, 2003.

RAMOS, M.N.; MOREIRA; T.M.; SANTOS, C.A. dos. (Coords.). **Referências para uma política de educação do campo:** caderno de subsídios. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

ROSIM, L.H. **Bela Vista do Chibarro:** nas terras da Usina, diferenças e identidades na construção de um assentamento. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.

SODRÉ, L.G.P. Crianças de um assentamento do MST: propostas para um projeto de Educação Infantil. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.10, n.2, p.181-190, 2005.

VEIGA, J.E. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.15, n.43, 2001.

WHITAKER, D.C.A. O rural-urbano e a escola brasileira. **Revista do Migrante**, São Paulo, ano V, n.12, 1992.

DILEMAS DE UM PROJETO AMBIENTAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA PARTICIPATIVA NO PONTAL DO PARANAPANEMA

Priscila Rosseto Camiloti¹

Sandro Lima²

Tiago Lopes de Andrade³

Luís Antonio Barone⁴

Renata Ribeiro de Araújo Rocha⁵

Resumo: A ampla discussão em torno da conservação e uso racional dos recursos naturais, unida à alarmante situação de degradação ambiental e a dependência dos recursos naturais por parte dos assentados, levou ao trabalho de pesquisa realizado no Projeto de Assentamento (P.A.) Primavera, situado no município de Presidente Venceslau/SP. Tal trabalho foca-se na elaboração e execução do projeto técnico para a recomposição florestal da área de preservação permanente (APP) da represa deste assentamento. A recomposição da APP, em torno da represa recém construída, está inserida, em parte, na área comunitária dos P.A.. Tem-se, portanto, como objetivo de tal ação extensionista, a inserção da comunidade nas questões ambientais do P. A., assim como a conscientização desta através do programa de educação ambiental e incentivo à organização comunitária.

¹ Graduanda do curso de Engenharia Ambiental da FCT – UNESP, campus de Presidente Prudente, SP. Bolsita PROEX/Unesp.

² Graduando do curso de Engenharia Ambiental da FCT – UNESP, campus de Presidente Prudente, SP.

³ Graduando do curso de Engenharia Ambiental da FCT – UNESP, campus de Presidente Prudente, SP.

⁴ Sociólogo, Professor assistente-doutor da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente, SP.

⁵ Engenheira Química, Professora assistente-doutora da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente, SP.